



**A política no pódio:
episódios de tensões e conflitos
nos Jogos Olímpicos da Era Moderna**

Flavio de Campos

resumo

Em tempos de protestos e conflitos em praças esportivas brasileiras, este artigo tem como objetivo retomar alguns episódios marcantes de tensões e enfrentamentos ideológicos ocorridos durante a história dos Jogos Olímpicos de Verão da Era Moderna. Pretende-se questionar a perspectiva, contida nos discursos oficiais do Comitê Olímpico Internacional, entre os organizadores dos mais diversos países e de setores expressivos da imprensa, de que a política e os esportes devem estar apartados em nome do espírito olímpico. A referência a tais episódios demonstra como as situações históricas revelam a recorrência das práticas e confrontos políticos mais ou menos explícitos.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; protestos olímpicos; nacionalismo; boicotes olímpicos.

abstract

This article – written in a time rife with protest and conflict amidst the Brazilian sporting scenario – aims to review some episodes of striking tension and ideological bouts throughout the history of the Modern Summer Olympic Games. It seeks to challenge the perspective – endorsed by official speeches by the International Olympic Committee, among the organizers from a number of countries, and some from significant press outlets – according to which politics and sports must be kept apart in the name of the Olympic spirit. Reviewing those episodes shows that historical events reveal the recurrence of somewhat explicit political practices and confrontations.

Keywords: *Olympic Games; Olympic protests; nationalism; Olympic boycotts.*

Na Antiga Grécia, a trégua sagrada (εκεχερία – *ekechería*) era proclamada a cada quatro anos por emissários que anunciavam a realização dos Jogos Olímpicos. Assim, as hostilidades entre as *póleis* deveriam ser suspensas e garantidos salvo-condutos nos percursos de ida e volta da cidade de Olímpia, considerada como território neutro e inviolável durante as competições.

O apreço pela autonomia política deveria ser, temporariamente, submetido à preservação e à reatualização da cultura pan-helênica. As guerras endêmicas, próprias do ambiente das *póleis*, não poderiam afetar o transcurso dos jogos (Finley, 1976).

Em 393 d.C., Ambrósio, bispo de Milão, obteve do imperador romano Teodósio a proibição aos Jogos Olímpicos, a principal referência lúdica da cultura clássica. Em um contexto de afirmação do cristianismo e de luta contra os mais diversos paganismos, o combate aos jogos fúnebres e às reminiscências aos demais jogos helênicos (píticos, nemaicos e ístmicos) fez parte do programa de ação das lideranças cristãs que procuravam estabelecer a sua hegemonia diante de outros sistemas de crenças e práticas devocionais no Mediterrâneo.

Os Jogos Olímpicos, na mira do bispo de Milão, tiveram sua importância e suas vinculações pagãs evidenciadas até mesmo pelo geógrafo

Pausânias, que, no século II d.C., equiparou-os aos mistérios de Elêusis, em sua obra *Descrição da Grécia* (Campos, 2004).

O resgate dos Jogos Olímpicos no final do século XIX, capitaneado por Pierre de Freddy, o barão de Coubertin, foi estimulado pelas proposições do cristianismo atlético ou cristianismo muscular, que se desenvolvera sobretudo nas escolas inglesas, articulando-o a uma visão idealizada do mundo grego, que serviria de preceptiva para as práticas esportivas dos *sportsmen* (Parry, 1988).

Sem dúvida, o impacto das pesquisas e descobertas realizadas em Olímpia pela equipe alemã, coordenadas pelo filólogo e historiador Ernst Curtius, entre 1875-81, municiaram as demandas pela ressignificação do ideal olímpico com a necessária cultura material que serviriam de base para os Jogos de Atenas em 1896.

Aristocrata e pacifista, Coubertin empenhou-se por imprimir a marca do amadorismo e da neutralidade política às competições da Era Moderna, cujos encaminhamentos foram iniciados em 1894, no Congresso de Paris, no mesmo ano de sua visita à simbólica cidade de Olímpia. O amadorismo visava a estabelecer uma fronteira social entre aristocratas e burgueses, de um lado, e as classes subalternas, de outro. Significativamente,

FLAVIO DE CAMPOS é professor do Departamento de História da FFLCH/USP e coordenador científico do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens) da USP.

utilizava-se a distinção “cavalheiros” e “jogadores” para os praticantes das modalidades lúdicas¹.

Nesse aspecto, a ressignificação com relação aos atletas gregos é também curiosa. Como se sabe, apenas os homens e cidadãos podiam tomar parte das competições. Como aspecto fundamental da educação e da constituição da cidadania no mundo grego, os jogos assumiam a função modular para a vida pessoal e social e assemelhavam-se a ritos sociais que reforçam a unidade do grupo e de classe, através de sentimentos e laços cívicos de identidade, que diferenciava os cidadãos dos escravos e das mulheres. A *paidia* (jogo) esteve intimamente vinculada à *paidéia* (educação) (Campos, 2004).

Apontado como uma violação do espírito olímpico, o profissionalismo foi combatido no mesmo processo em que se procurava afirmar um padrão excludente de lazer e estilo de vida (Hobsbawm, 1997). A modernização dos corpos pelo amadorismo, associada às capacidades mensuráveis do esforço humano, aproximava as realizações tecnológicas do século XIX do desenvolvimento físico, demarcando a distância imensurável entre as classes subalternas e o seu desenvolvimento físico através do trabalho. A modernização dos corpos acompanhava a modernidade excludente que se instaurava. Por isso o profissionalismo se constituía no grande inimigo de um certo padrão esportivo.

De qualquer modo, o princípio da meritocracia, partilhado pelos burgueses e classes médias, combinou-se ao amadorismo e aos valores de elegância e dignidade, identificados com a aristocracia (Vigarello & Holt, 2008). Essa combinação, que frutificou na Grã-Bretanha, estaria na base da organização dos jogos desde o seu início.

1 A questão do amadorismo foi discutida e repensada por Coubertin em vários textos ao longo de sua vida. Não cabe aqui uma discussão aprofundada sobre as nuances e variações em suas formulações. De qualquer modo, seu posicionamento inicial sintetizou e norteou as diferenciações entre amadorismo e profissionalismo: “Que o atletismo seja considerado amador: A todo aquele que nunca tenha participado de uma prova aberta nem competido por um prêmio em espécie ou por dinheiro, seja qual for a fonte da qual provenha, especialmente dos ingressos – ou com profissionais – e que nunca tenha sido em nenhum momento de sua vida professor ou monitor assalariado de educação física” (Coubertin, 2015, p. 628).

NACIONALISMO NOS JOGOS

Apesar da ênfase às disputas individuais e aos ideais de conagração mundial, durante o transcurso dos Jogos de 1900, em Paris, foi possível identificar rivalidades nacionalistas. As lembranças da Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) e do cerco à capital francesa por tropas alemãs mantiveram delicadas as relações entre a Alemanha e a França. Tensões entre ingleses e franceses também foram registradas, devido às disputas travadas entre as duas potências imperialistas. Não era apenas o sentimento de harmonia que se manifestava nos atletas e torcedores em Paris.

Em Londres, em 1908, a questão da arbitragem inglesa em todas as modalidades provocou atritos com estadunidenses e franceses nas corridas dos 400 metros e no ciclismo. O estilo aristocrático e a elegância competitiva não predominaram na prática, e as rivalidades nacionalistas nas pistas renunciavam as tensões que desembocariam, seis anos mais tarde, na Primeira Guerra Mundial.

Nos jogos seguintes, em Estocolmo, as múltiplas tensões nacionalistas também eram perceptíveis. As delegações da Finlândia, então integrante do Império Russo, e da Irlanda, integrante do Reino Unido, foram impedidas de desfilar com suas bandeiras, por pressões de seus respectivos governos centrais. Ocupado em resolver demandas particulares de países desde a primeira organização dos Jogos Olímpicos e atento à movimentação belicista dos governos europeus, Coubertin finalizou as competições da Suécia, em setembro de 1912, com um apelo que o espírito olímpico não tinha meios de garantir:

“Ficou estabelecido o costume de que a última palavra pronunciada ao final dos Jogos Olímpicos fosse para saudar o início dos próximos jogos. Por isso quero propor, em nome do Comitê Olímpico Internacional, guardião supremo e estável da instituição renovada, que brindemos em honra à VIª Olimpíada.

Oxalá possa contribuir, como suas predecessoras, para o bem geral e o aperfeiçoamento da humanidade! E oxalá possa ser preparada com o labor fecundo dos períodos de paz! E que, quando chegar o dia, possa ser celebrada por todos os povos

do mundo, na alegria e na concórdia” (Coubertin, 2015, p. 440).

Berlim foi a cidade escolhida para sediar os Jogos de 1916. Os dirigentes do Comitê Olímpico Internacional acreditavam que a indicação da Alemanha pudesse contribuir para evitar a eclosão da guerra, como se fosse possível uma *ekechería* no mundo contemporâneo. Pelo contrário, a guerra impediu a realização da VIª Olimpíada da Era Moderna. O mesmo voltaria a acontecer em 1940 e em 1944, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Ainda assim, esses jogos são oficialmente contados, mesmo que não realizados.

O internacionalismo foi golpeado pela ferocidade nacionalista do conflito iniciado em 1914. Além de lideranças e partidos do movimento operário que se envolveram na luta entre os Estados capitalistas, o internacionalismo desportivo também se deixou atrair pela sedução nacionalista. O próprio Coubertin alistou-se e prestou serviços militares, ainda que burocráticos (como tradutor e recrutador de soldados)². A quimera de uma paz olímpica mundial esvaiu-se.

Menos de dois anos após o fim da guerra, foram realizados os Jogos de Antuérpia, sem contar com delegações da Alemanha, Áustria, Hungria e Turquia – os grandes derrotados no conflito e que não foram convidados –, além da Rússia, que vivia o início da implantação de seu regime socialista e as dificuldades internas decorrentes da luta contra o exército branco, que se estenderia até novembro de 1920.

Na abertura dos jogos, os significados da vestimenta militar escolhida pelo rei Alberto I da Bélgica, bem como o tom marcial da apresentação de grande parte das delegações, eram nítidos. O espectro da guerra justapunha-se ao espírito olímpico ainda nas edições seguintes.

Em 1924, novamente em Paris, mas ainda sem a participação da delegação alemã, os espectadores franceses demonstravam impaciência

nacionalista com as vitórias de atletas de outros países e tentavam abafar, com vaias e apupos, as comemorações e as execuções dos hinos de outras nacionalidades.

Quatro anos depois, em Amsterdã, seria a vez da delegação francesa tornar-se o alvo da torcida holandesa, culturalmente mais próxima dos germânicos, que retornavam às competições. As tensões estiveram tão exacerbadas que os atletas franceses recusaram-se a participar do desfile de abertura dos jogos.

Os Jogos de Los Angeles 1932 transcorreram sob o forte impacto da crise internacional de 1929. Na cerimônia de abertura, para evitar um confronto entre franceses e alemães, desfilaram os atletas da Grã-Bretanha entre as duas delegações. Uma das novidades implementadas nas cerimônias de premiação coroava o sentimento nacionalista vigente: o hasteamento das bandeiras dos países representados no pódio e a execução do hino nacional do vencedor.

JOGOS E RESISTÊNCIAS EM TEMPOS SOMBRIOS

Saudações fascistas já haviam sido gestualizadas por atletas italianos em 1932. Mas um ano antes, quando o Comitê Olímpico Internacional concedeu a Berlim a primazia de sediar os Jogos de 1936, preterindo Barcelona, os nazistas ainda não haviam chegado ao poder na Alemanha.

De uma postura contrária aos jogos, os dirigentes nazistas passaram a utilizá-los como instrumento de propaganda do regime, da superioridade ariana e da afirmação da cultura germânica, registrados monumentalmente por Leni Riefenstahl no filme *Olympia*, de 1938³.

As saudações nazistas foram executadas não apenas pela delegação alemã, como também por atletas da Grécia, Itália, França e Áustria. Esses últimos, entusiasticamente recebidos pelo público germânico. No caso dos atletas franceses, na verdade, tratava-se da saudação olímpica. Ingleses e estadunidenses foram vaiados.

2 Em uma carta de janeiro de 1916, Coubertin (2015, p. 461) explica-se ao barão Godefroy de Blonay: “Você não ficará surpreso que, por prolongar-se a guerra, eu tenha tomado a decisão, apesar da minha idade, de tomar parte dela. Compreenderá também que, ao me incorporar às fileiras, considere incorreto que nosso Comitê seja presidido por um soldado”.

3 Uma interessante análise da produção do filme pode ser encontrada em L. Nazario (2012).

Uma forte campanha internacional havia defendido o boicote aos jogos nazistas. O movimento mais contundente ocorreu na Espanha, governada pela Frente Popular, que chegou a planejar a Olimpíada Popular, prevista para se realizar entre 19 e 26 de julho de 1936. Todavia, os acontecimentos políticos que levaram à eclosão da Guerra Civil Espanhola em 18 de julho impediram a realização dos Jogos Populares.

Mesmo assim, milhares de atletas de 22 países inscreveram-se na competição, contando com delegações de atletas exilados da Alemanha e Itália, judeus, sindicalistas e lideranças de esquerda. Com o início da Guerra Civil, centenas de atletas ingressaram nas fileiras republicanas para combater as tropas franquistas.



Cartaz da Olimpíada Popular de Barcelona, em 1936

Por decisão pessoal, atletas judeus de vários países boicotaram os jogos nazistas. Nos Estados Unidos, o Congresso Judaico-Americano e o Comitê Trabalhista Judaico empreenderam uma forte campanha de boicote, que foi enfra-

quecida com a decisão do Sindicato dos Atletas Amadores dos Estados Unidos em participar dos jogos.

Enquanto os protestos se ouviam em diversas partes do mundo, as autoridades nacionais de 32 países e o Comitê Olímpico Internacional concordaram em participar do espetáculo nazista. No caso da Inglaterra, tratava-se da conivência com as recorrentes violações de tratados internacionais e da militarização empreendida pelo governo alemão que permitiram a anexação da Áustria e dos Sudetos e que desembocaria na invasão da Polônia.

Internamente, o processo de arianização das organizações atléticas alemãs iniciaram-se em 1933, com a exclusão e perseguição a judeus e ciganos. O campeão de boxe Erich Seelig, o tenista Daniel Prenn e a saltadora Gretel Bergmann foram excluídos por serem judeus. O boxeador Sinti Johann Rukelie Trollmann, por ser cigano.

A esgrimista Helene Mayer foi a única atleta de origem judaica a competir pela Alemanha em 1936. Obteve a medalha de prata e cumpriu o protocolo nazista com a saudação característica junto com outros atletas alemães.

Se as vitórias de Jesse Owens nos 100 e 200 metros rasos punham abaixo o discurso da superioridade ariana, nas entranhas da sociedade alemã, apesar das contundentes denúncias, as práticas de perseguição alimentavam-se ainda mais da aparente e cosmética tolerância que se procurava mostrar ao mundo durante o transcurso dos jogos.

As autoridades esportivas internacionais contentaram-se com as imagens oficiais e não ousaram condenar o regime nazista, em nome da separação entre esportes e política. No seio da nação germânica governada pelos nazistas, como nunca antes, esporte e política estiveram intrinsecamente vinculados.

Ao final dos XI Jogos, o barão de Coubertin saudava o povo alemão pela realização e anunciava alvíssaras para as competições que se desenrolariam no Japão, “nas longínquas margens do Pacífico”, em 1940. O barão faleceu em 1937 e foi poupado de acompanhar as competições bélicas que ocorreram no Pacífico e em diversas outras partes do mundo. A guerra, uma vez mais, paralisaria os jogos de 1940 e de 1944.

BIPOLARIZAÇÕES E MULTIPOLARIZAÇÕES

Com um intervalo de 12 anos, os atletas olímpicos voltariam a se reunir em Londres em 1948, sem a participação de alemães, que só enviariam uma delegação a Melbourne, em 1956, e ainda sem a presença soviética, que estrearia nos Jogos Olímpicos de Helsinque 1952. Em 1960, no auge da Guerra Fria, duas delegações alemãs desembarcariam em Roma, representando a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental. Com mais de 300 atletas, a União Soviética arrebataria o maior número de medalhas na competição.

Desde 1952, quando pela primeira vez os soviéticos tomaram parte nos jogos, as rivalidades entre EUA e URSS deram o tom dos encontros olímpicos. Apesar de se tratarem de disputas individuais, as duas superpotências passaram a disputar a primazia esportiva por meio dos quadros de medalhas por países, não reconhecidos oficialmente pelo Comitê Olímpico Internacional⁴.

As disputas entre EUA e URSS culminariam nos boicotes de 1980 e 1984. Os EUA não enviaram delegação a Moscou em 1980 como represália à invasão do Afeganistão, em 1979, por tropas soviéticas que passaram a combater guerrilheiros armados e financiados pelo governo estadunidense, entre os quais, anos depois, despontaria Osama Bin Laden. Sessenta e dois países seguiram os Estados Unidos e esvaziaram o evento esportivo. No entanto, estiveram presentes delegações da Itália, França, Grã-Bretanha, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Suíça, Holanda, Espanha e Grécia.

Quatro anos depois, os soviéticos deram o troco alegando, sobretudo, que a profissionalização de atletas e os crescentes interesses econômicos constituíam-se em violações do princípio do amadorismo. Foram seguidos por 16 países socialistas. Apenas China, Romênia e Iugoslávia, dentre os países socialistas, não acompanharam o boicote proposto pelos dirigentes soviéticos.

4 A considerar o questionável quadro de medalhas durante a Guerra Fria, os Estados Unidos ficaram em primeiro lugar nos Jogos de 1948 (sem a participação da URSS), 1952, 1964, 1968 e 1984. A URSS venceu em 1956, 1960, 1972, 1976, 1980 e 1988.

Os boicotes por razões políticas constituíram-se em uma das marcas das disputas dos jogos após a Segunda Guerra Mundial. A China não enviou delegações aos jogos entre 1952 e 1972, devido à participação de Taiwan (República da China), base dos nacionalistas derrotados na Guerra Civil Chinesa em 1949. Como pano de fundo desse boicote, situavam-se as pressões e negociações para o reconhecimento internacional da República Popular da China e de seu regime comunista, o que só viria a acontecer em 1971, quando o assento no Conselho Permanente da ONU deixou de ser ocupado pela China nacionalista e passou a ser exercido pela China comunista. Em 1978, os dirigentes dos EUA também passavam a reconhecer o governo de Pequim como o legítimo representante do povo chinês.

Em 1956, nos Jogos de Melbourne, também ocorreram boicotes por razões distintas. A ocupação do Canal de Suez por tropas inglesas, francesas e israelenses, após a nacionalização do canal pelo presidente egípcio Gamal Abdel Nasser, provocou o boicote do Egito, Líbano e Iraque. De outra parte, a invasão da Hungria por tropas soviéticas desencadeou o boicote de Holanda, Espanha e Suíça.

Nos Jogos de Montreal 1976, 28 países africanos boicotaram a competição em protesto contra a presença da delegação da Nova Zelândia, que permitira a viagem de sua equipe de *rugby* à África do Sul. Devido ao regime do *apartheid*, os sul-africanos haviam sido proibidos de participar dos Jogos de Verão entre 1964 e 1988, pelo Comitê Olímpico Internacional, acatando a solicitação do South African Non-Racial Olympic Committee, criado em 1962 e que atuava no exílio⁵.

Além dos boicotes, os protestos e tensões intensificaram-se na década de 1960. Nos Jogos de Tóquio 1964, um protesto sutil foi engenhosamente realizado pelos organizadores. A pira olímpica foi acesa pelo jovem corredor Yoshinori Sakai, nascido em 6 de agosto de 1945, na localidade de Miyoshi, pertencente à prefeitura de Hiroshima, no mesmo dia em que a bomba atômica Little Boy foi lançada pelas forças militares estadunidenses. A emocionante cerimônia de abertura lembrava as

5 A esse respeito, ver P. R. Braga (2011).



Yoshinori Sakai conduz a tocha olímpica na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio 1964

atrocidades da Segunda Guerra Mundial no contexto da Guerra do Vietnã.

Os Jogos do México produziram imagens repletas de tensões. Em 12 de outubro de 1968, pela primeira vez, uma pira olímpica seria acesa na América Latina. O percurso da tocha, que saía da cidade de Olímpia, procurava refazer o caminho da primeira viagem de Cristóvão Colombo, cerca de 476 anos antes, partindo do Porto de Palos, na Espanha. Diante da afronta, o fogo arderia no México.

Dez dias antes da abertura, milhares de estudantes mexicanos participaram de uma intensa onda de protestos contra a realização dos jogos, contra a estrutura social do país e contra a invasão de duas universidades por forças militares. Concentrados na Plaza de las Tres Culturas, os manifestantes foram atacados por soldados fortemente armados. Estima-se em 300 o número de mortos,



Pôster anônimo contra os Jogos Olímpicos do México 1968

no episódio que ficou conhecido como Massacre de Tlatelolco⁶.

6 Sobre o conflito, ver E. Poniatowska (1994).

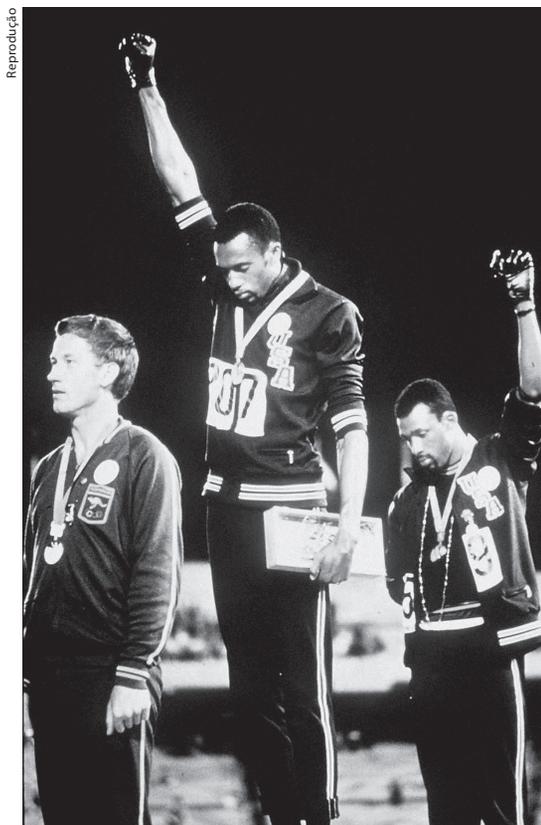
As imagens dos jovens negros Tommy Smith e John Carlos, de punhos fechados e erguidos com luvas pretas, no pódio dos 200 metros rasos, durante a execução do hino dos EUA e o hasteamento das bandeiras, tornou-se, talvez, o símbolo mais conhecido dos protestos em Jogos Olímpicos. A alusão aos Panteras Negras e à luta contra o racismo custou-lhes as medalhas olímpicas. Mais uma vez, de acordo com o discurso olímpico oficial, os esportes não poderiam ser contaminados pela política.

Nos Jogos de Munique 1972, ocorreu a maior tragédia da história dos jogos, quando oito militantes do grupo palestino Setembro Negro promoveram um ataque terrorista à Vila Olímpica. Os ativistas invadiram o alojamento da delegação de Israel, mataram dois de seus integrantes e fizeram outros nove como reféns. Exigiam a libertação de mais de 200 presos políticos palestinos e um avião para liberar os reféns.

Apesar de toda a brutalidade, os jogos não foram interrompidos. Enquanto eram travadas as negociações, várias modalidades esportivas eram disputadas. Os jogos deveriam continuar.

O desfecho do episódio foi ainda mais terrível. À noite, quando sequestradores e reféns eram embarcados em uma base aérea próximo à Vila Olímpica, um comando de atiradores de elite da Alemanha tentou uma emboscada. O resultado foi desastroso. No total, 11 integrantes da delegação israelense, cinco terroristas e um policial foram mortos. Diante da situação, os organizadores decidiram interromper as competições e antecipar a cerimônia de encerramento, com bandeiras a meio pau.

Em pouco mais de um século de existência, os Jogos Olímpicos da Era Moderna foram palco de diversos conflitos políticos, das mais variadas naturezas. Nessa sucessão de eventos encadeada e selecionada, procurou-se evidenciar a dramatização de tensões constituídas em torno de padrões normativos acerca das práticas esportivas regulares, das relações entre esporte, política e sociedade e sobre as tensões



Reprodução

Ao centro, Tommy Smith, vencedor dos 200 metros rasos, com John Carlos (bronze) à esquerda, e o australiano Peter Norman (prata) à direita, nos Jogos do México 1968

entre o internacionalismo olímpico e os interesses e sentimentos nacionalistas.

Na cena brasileira recente, delimitada pela agenda esportiva iniciada em 2013, com a Copa das Confederações, a ser concluída em 2016 com os Jogos Olímpicos e a Paralimpíada do Rio de Janeiro, há que se esperar, também, por tensões e conflitos que devem dramatizar dilemas e questões de nossa sociedade.

Há que se acompanhar, atentamente, os protestos e manifestações que o futuro imediato deverá apresentar. E buscar suas significações, quaisquer que sejam os desdobramentos da crise política em que estamos inseridos.

BIBLIOGRAFIA

- BRAGA, P. R. S. *A Rede de Ativismo Transnacional contra o Apartheid na África do Sul*. Brasília, Funag, 2011.
- CAMPOS, F. "A Agonia Lúdica: Guerra, Competição e Fortuna nos Jogos Medievais", in E. Magnani; H. Franco Júnior; F. Campos (orgs.). *Le Moyen Âge Vu D'Ailleurs II. Historiografia e Pesquisas Recentes*. São Paulo, IEA/USP, 2004, pp. 338-56.
- CASHMORE, E. *Making Sense of Sport*. New York, Routledge, 1990.
- COUBERTIN, Pierre de. "Carta do Amadorismo" [1902], in N. Müller; N. S. Todt (eds.). *Pierre de Coubertin: Olimpismo. Seleção de Textos*. Porto Alegre, EdiPUCRS, 2015.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. Lisboa, Difel, 1992.
- FINLEY, M. I.; PLEKET, H. M. *The Olympic Games: The First Thousand Years*. New York, The Vicking Press, 1976.
- FISCHER, D. *The Encyclopedia of the Summer Olympics*. New York, Franklin Watts, 2003.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- MCINTOSH, P. *Fair Play: Ethics in Sport and Education*. London, Heineman, 1979.
- NAZARIO, L. "O Discurso Ideológico de Olympia", in *Aletria*, n. 2, v. 22, 2012, pp. 137-49.
- OFFICIAL WEBSITE of the Olympic Movement. Disponível em: <http://www.olympic.org/olympic-studies-centre>.
- PONIATOWSKA, E. *La Noche de Tlatelolco: Testimonios de Historia Oral*. México, Era, 1994.
- SAUNDERS, F.S. *The Cultural Cold War: The CIA and World of Arts and Letters*. New York, New Press, 2000.
- YOUNG, D. *The Modern Olympics: A Struggle for Revival*. London, John Hopkins University Press, 1996.
- TURNER, V. *Dramas, Campos e Metáforas. Ação Simbólica na Sociedade Humana*. Niterói, Eduff, 2008.
- VIGARELLO, G.; HOLT, R. "O Corpo Trabalhado – Ginastas e Esportistas no Século XIX", in A. Corbin; J-J. Courtine; G. Vigarello (orgs.). *História do Corpo*, v. 2 Petrópolis, Vozes, 2008, pp. 393-478.